



VOZ DA FÁTIMA

Com a festa do próximo Natal encerra-se o Ano Santo de 1975. Mas o seu espírito deve continuar na busca permanente da renovação e da reconciliação. Renovação pessoal e da sociedade. Reconciliação dos homens com Deus e entre si. E haverá paz e amor e entendimento e progresso e felicidade nesta terra onde vivemos. Continuemos a ser obreiros da renovação e da reconciliação.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Propriedade e impressão: «Gráfica de Leiria» — Telefone 22336
Redacção e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182

ANO LIV N.º 638
13 DE NOVEMBRO DE 1975
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

FATIMA, SINAL DE CONTRADIÇÃO

TEMOS escrito muitas vezes que Fátima deve ser lugar de reconciliação. Sobretudo, entre cristãos. Porque se os irmãos se não reconciliam, quem há-de fazer a paz no mundo?

Mas é tão difícil aguentar no coração este desejo de paz!

Tão difícil procurar unir, num mesmo abraço, os irmãos da extrema-esquerda e os da extrema-direita. Toda a gente puxa por Fátima. Uns para a converterem em praça vermelha de Moscovo e outros em fornalha da Inquisição. Todos em nome de Jesus de Nazaré. Vamos transcrever dois pedaços de prosa que talvez ilustrem bem como Fátima é sinal de contradição.

Do P. MÁRIO DE OLIVEIRA (o P. Mário da Lixa) no jornal «República» de 14.X.75, a seguinte conclusão dum artigo acerca de Fátima:

«Impõe-se, por isso, naquela montanha uma operação-limpeza que ponha cobro ao parasitismo capitalista das casas de negócio (a começar por algumas casas de ordens religiosas)... O enorme recinto com a chamada basílica poderá também converter-se em outro local popular, onde passem a realizar-se, por exemplo, regular e organizadamente, Plenários de Comissões de Trabalhadores e Moradores, à escala regional e nacional, sempre encarados, evidentemente, numa perspectiva revolucionária. Com um pouco mais de imaginação e coragem, seria possível até converter a montanha de Fátima em Universidade Popular, a funcionar com cursos intensivos em fins de semana... Assim, a montanha que serviu os interesses da classe dominante e a reacção, passaria a servir os interesses das classes exploradas e a revolução.»

É realmente difícil saber no meio destes dois fogos, quem é por Fátima ou contra Fátima, por Cristo ou contra Cristo. Dos dois lados se puxa por Cristo e se puxa por Fátima.

Meus irmãos, que vos guerreais em nome das mesmas pessoas e lugares sagrados, alguma coisa é capaz de estar mal, e alguém de vós deve estar errado. Ou então, ambos estais errados, porque ambos proclamais guerra aberta ao outro. Senhor, nosso Pai do Céu! Não haverá hipótese de nos entendermos? E se nos não entendemos, será melhor desistir do diálogo, como fazem os vizinhos que deixam de se falar, para não entrarem em guerra aberta? E se nós, que vivemos habitualmente nesta montanha de graça (nós acreditamos na graça desta montanha) nos preocupamos por fazer dela um lugar de encontro e não de luta, como havemos de permitir que se exprimam aqui livremente os que desejam ver o recinto de oração transformado, ora na Praça Vermelha de Moscovo ora em Pelourinho da Inquisição?

Não pode ser. Com o risco de nos vermos condenados pela esquerda e pela direita, parece que a única maneira de sermos fiéis à Mensagem de Nossa Senhora é procurarmos que Fátima seja um santuário de reconciliação. Dos homens com Deus. Dos homens com os homens. Apesar de também termos nervos. E de sermos pecadores. E de sofrermos com a exploração dos pobres. E de nos irritarem as arremetidas destes padres feitos inquisidores do anti-comunismo.

Reconciliar não será desmobilizar. Vamos reconciliar!

P. LUCIANO GUERRA — Reitor do Santuário

Jovens afluem à Fátima para conviver, reflectir e rezar

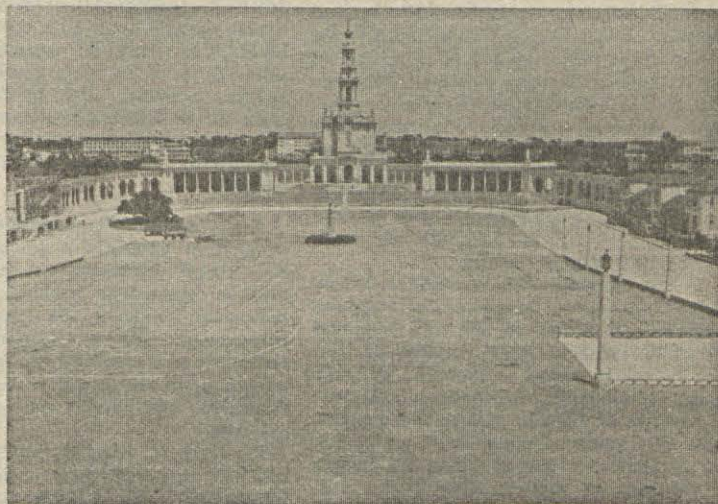
ENTRE as novidades que se notam visivelmente na Fátima nos últimos tempos está certamente a presença crescente de jovens de ambos os sexos. Fora e dentro das grandes peregrinações, os jovens marcam presença crescente, quer pelo seu número quer pelas actividades que desenvolvem e que constituem surpresa agradável para o conjunto dos peregrinos, embora uma ou outra vez com cariz muito próprio que chega mesmo a chocar alguns mais conservadores. Em Maio passado, os jovens elaboraram e realizaram uma solene

via-sacra no recinto; em Junho e Agosto representaram a via-sacra nas escadarias do Santuário, num inesquecível cenário de luz e interioridade; em Setembro, foram ainda os jovens quem conduziu uma recolhida massa humana de duas mil pessoas que, das duas às cinco da madrugada, subiu lentamente, em oração, o caminho dos Valinhos. Inesquecível noite, aquela de doze para treze de Setembro, à luz de mil velas, ao som de cânticos cheios de vida, atrás duma grande cruz luminosa, em meditação profunda sobre o dinamismo da Paixão de Jesus Cristo. Grande e im-

pressionante novidade deste ano foi ainda o acolhimento calorosamente fraterno que uma equipa de algumas dezenas de jovens foi dispensando aos peregrinos que vêm a pé por ocasião das peregrinações anuais. Por acção dos jovens, todos os peregrinos que chegavam a pé, desde o dia 10, encontraram albergue nas casas Religiosas da Cova da Iria. Uma autêntica maravilha do amor cristão em acção!

Durante todos estes meses, um encontro de

● Continua na última página



ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL

Comunicado

O Episcopado Português teve em Fátima, de 6 a 10 do corrente mês de Outubro, a sua última assembleia plenária de 1975, sob a presidência do Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade.

1. Nos termos estatutários, procedeu-se às eleições para os diversos órgãos da Conferência Episcopal no próximo triénio. Foi eleito presidente da Conferência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro. Para os cargos de vice-presidente e secretário foram eleitos respectivamente D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, e D. António dos Reis Rodrigues, Bispo Auxiliar de Lisboa. E para vogais do Conselho Permanente o Arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva; o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes; o Bispo de Coimbra, D. João da Silva Saraiva; e o Bispo-Coadjuutor de Beja, D. Manuel Franco Falcão.

Foram ainda eleitos presidentes das diversas comissões episcopais os seguintes preladados: Doutrina da Fé, D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar do Porto; Educação Cristã e Família, D. Júlio Tavares Rebimbas, Arcebispo de Mitilene e Auxiliar de Lisboa; Apostolado dos Leigos, D. Maurílio Quintal de Gouveia, Bispo Auxiliar de Lisboa; Clero, Seminários e Vocações, D. João da Silva Saraiva, Bispo de Coimbra; Liturgia, D. João Alves, Bispo Auxiliar de Coimbra; Missões, D. Agostinho de Moura, Bispo de Portalegre e Castelo Branco; Acção Social e Caritativa, D. Manuel da Silva Martins, Bispo de Setúbal; Migrações e Turismo, D. António dos Reis Rodrigues, Bispo Auxiliar de Lisboa; Comunicações Sociais, D. An-

tónio Baltasar Marcelino, Bispo Auxiliar de Lisboa; Universidade Católica, Cardeal-Patriarca de Lisboa; e Comissão Mista Bispos-Religiosos, D. António Francisco Marques, Bispo de Santarém.

2. A assembleia estudou alguns aspectos da aplicação às dioceses portuguesas do novo ritual da Penitência, e aprovou uma nota pastoral sobre a forma de dar aos fiéis a comunhão na mão, agora autorizada entre nós ao lado da forma usual. Discutiu os termos da resposta a uma consulta da Santa Sé sobre a reforma da disciplina canónica dos Sacramentos. E, entre outras deliberações, acordou na adopção do sistema federativo para a Cáritas Portuguesa, aprovando os seus novos estatutos.

3. A assembleia considerou ainda, na perspectiva doutrinal e pastoral que é a sua, alguns problemas que afectam nesta hora a comunidade nacional, e formulou novamente o voto de que o povo português consiga encontrar os verdadeiros caminhos do futuro sem recurso à violência e no estrito respeito da justiça, nomeadamente no respeitante aos defidos que aguardam julgamento.

De entre os referidos problemas, destacou dois, sobre os quais se debruçou mais longamente e são objecto de documentos a publicar separadamente. Em primeiro lugar, o da liberdade de ensino, que importa salvaguardar na nova Constituição Política. E em segundo lugar, o dos milhares de refugiados que, em circunstâncias tão dolorosas, estão a entrar no País.

Fátima, 10 de Outubro de 1975

Nota Pastoral sobre a Comunhão na mão

1. Várias das nossas comunidades cristãs têm manifestado o desejo de verem restaurado o antigo costume de receber a Eucaristia directamente na mão. Tomando isso em conta, a Conferência Episcopal, em assembleia plenária, decidiu pedir à Santa Sé a necessária autorização, já antes concedida a outros países.

2. Recebida a resposta afirmativa ao pedido feito, a Conferência Episcopal torna pública, pela presente Nota Pastoral, a possibilidade de os fiéis comungarem segundo o modo solicitado.

3. Para que esta concessão contribua para o desenvolvimento da fé dos cristãos, atenda-se às orientações pastorais seguintes:

a) A introdução do rito da comunhão na mão deve ser precedida de uma catequese oportuna, capaz de renovar o espírito de fé na Eucaristia, que se há-de manifestar até na maneira de os fiéis aceitarem em suas próprias mãos o Corpo do Senhor.

b) Esta maneira de comungar não deve ser imposta aos fiéis, pois a eles se deve deixar a escolha sobre a forma de receber a Eucaristia. Deste modo, não será de estranhar que, numa mesma celebração, haja quem receba a sagrada partícula na língua e quem a receba na mão. O ministro que distribui a comunhão nunca deve impor os seus gostos e preferências nem substituir-se à vontade livre dos comungantes.

c) Quanto à comunhão na mão, pastores e fiéis devem preocupar-se em realizar o gesto de maneira digna e significativa. Para tanto, e segundo a antiga tradição, o ministro colocará o Pão Consagrado na mão do fiel, o qual comungará antes de regressar ao seu lugar, por não parecer conveniente que o faça enquanto caminha, devendo ter ainda todo o cuidado com os fragmentos que eventualmente se desprendam.

4. É de esperar que o uso do novo rito da comunhão ajude todos os fiéis que por ele optarem a avivar a sua fé na Eucaristia e favoreça também o normal crescimento e unidade das comunidades cristãs.

Fátima, 10 de Outubro de 1975

MORREU UM GRANDE AMIGO DE FÁTIMA

Da Abadia de La Trappe, na França, chegou-nos há meses a notícia de que o Senhor chamara a Si a bela alma do monge-artista e sacerdote Jean-Marie BERNARD. Tinha noventa e tantos anos. Estou a escrever esta notícia diante de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, obra do P. Bernard, que os seus superiores me ofereceram quando, no ano passado, lá fiz um retiro espiritual. O P. Bernard convidou-me a visitá-lo no seu atelier de trabalho. É que, de facto, aos noventa e tal, ele ainda passava os seus dias a modelar o barro e a madeira. Muito sujo, barba por fazer, mas um sorriso maravilhoso nos olhos vivos. E, sobretudo, um amor muito grande a Nossa Senhora. No meio da conversa larga-se a cantar, com a simplicidade de uma criança! Falou-me de Fátima e das suas imagens de Fátima. (Muitos dos nossos leitores terão imagens assinadas com as iniciais FR. MB que são as suas). E saí encantado com aquela bela alma

de Velho Simeão.

Por isso escrevi à Abadia da Trapa pedindo que me dessem notícia pormenorizada do que foi a sua vida de monge-artista, para poder contar aos leitores da Voz da Fátima. De lá recebi a seguinte resposta: «O seu testemunho de gratidão e admiração veio juntar-se ao de muitos outros que recebemos por ocasião da morte do nosso caro P. Bernard. Mas somos forçados a pedir-lhe desculpa, por não darmos seguimento ao seu pedido de dados biográficos a seu respeito. Preferimos, de facto, a discreção que deve rodear a vida e a morte de um monge. Não nos leve a mal esta atitude».

Não só não levamos a mal, como louvamos. E muitas graças sejam dadas a Deus porque, num mundo em que toda a gente se arma de jornalistas e fotógrafos para fazer vista diante dos homens, alguns homens preferem ficar no esquecimento, convencidos, pela fé, de que O ÚNICO a saber ver é O SENHOR!

L. G.

A situação da Rádio Renascença

Comunicado do Conselho de Gerência

Perante o espectáculo a que o país assistiu na madrugada de 22 e que se traduziu no assalto aos Emissores da Rádio Renascença na Buraca, selados por determinação da Presidência da República, o Conselho de Gerência da Rádio Renascença, interpretando o sentimento de revolta e angústia que neste momento domina o povo português, e os católicos em especial, entende ser seu dever chamar a atenção para os seguintes pontos:

1. *Mais do que o acto do rompimento dos selos e assalto ao Centro Emissor, o que mais preocupa e impressiona é a desobediência e desafio lançado ao Presidente da República e Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, impunemente praticado por bandos de agitadores profissionais que nada mais representam do que a si próprios.*

2. *Este acontecimento leva os portugueses a interrogar-se e a perguntar aos responsáveis pelo actual processo revolucionário português qual o caminho para onde estão a ser conduzidos e o que os espera, ante a escalada de minorias dominadas por ideologias já repudiadas pelo país.*

3. *Que pretendem estes grupos, perfeitamente organizados e comandados, atingir com este acto praticado no momento em que o Presidente da República se desloca ao Vaticano em visita a S. Santidade o Papa Paulo VI?*

Têm em vista ofender a Igreja e os Católicos portugueses, que constituem a grande maioria da população?

Ou trata-se apenas de mais uma manobra desesperada para tentar a destruição acelerada do VI Governo e fazer mergulhar o País na anarquia e no caos?

Lisboa, 23 de Outubro de 1975

Comunicado da C. de Trabalhadores

Alguns órgãos de comunicação social já suficientemente identificados pelo povo português quanto à sua linha de orientação, alguns deles pagos pelo próprio povo, vinham há uns dias a esta parte anunciando para Lisboa uma manifestação dita de apoio ao que apelidam de trabalhadores

da Rádio Renascença de Lisboa.

Não era difícil adivinhar as intenções da manifestação a avaliar pelo empenho posto por esses órgãos de comunicação na divulgação e no realce dado ao acontecimento. Custava a crer que se consumasse um desafio à Presidência da República e aos católicos do País a quem a Rádio Renascença pertence e a quem foi usurpada. Mas a coberto do anonimato e da irresponsabilidade colectiva — para isso mesmo foi convocada a manifestação — acontece aquilo que alguns esperavam: os emissores da Rádio Renascença foram desgelados numa provocação às autoridades e aos católicos portugueses, os únicos que podem legitimamente arrogar-se direitos sobre a emissora que pagam e que sustentam.

Os inúmeros telefonemas que estão chegando aos estúdios do Porto, são a voz e os sentimentos desses católicos que se sentem usurpados e vexados.

Os trabalhadores do Porto e a grande maioria dos trabalhadores de Lisboa, incluindo os dos emissores da Buraca, identificam-se inteiramente com os sentimentos dos católicos e da esmagadora maioria do povo português, deixando à consideração dos governantes e dos cidadãos honestos a pergunta:

Com que autoridade e com que justiça se pode contar neste país?

A COMISSÃO AD HOC
DE TRABALHADORES DA RÁDIO
RENASCENÇA

Lisboa, 23 de Outubro de 1975

«Voz da Fátima»

«A Voz da Fátima» completou mais um ano de vida, no passado dia 13 de Outubro. São já 43, pois saiu, pela primeira vez, à luz do dia, em 13 de Outubro de 1922.

Tal como então, o jornalzinho deseja ser o porta-voz da mensagem da Mãe de Deus na Cova da Iria e o animador da devoção e do culto de Nossa Senhora da Fátima, ao mesmo tempo que procura dar conta dos problemas e da vida do Santuário.

Pela nossa parte vamos prosseguir, tendo em vista os fins específicos do jornal e as necessidades dos seus milhares de leitores e assinantes.

EPOPEIAS DE AMOR E FÉ

A descrição que, a seguir, publicamos é um diário da viagem a pé dum grupo de peregrinos do Norte a caminho da Fátima, no passado mês de Outubro. Na sua simplicidade, revela-nos grandes sentimentos de amor e de fé, que todos temos de respeitar como expressão profunda da alma humana, mesmo que neles não comunguemos.

Este despretençioso diário fala-nos, como é natural, também dos entes queridos que sua jovem autora deixara em casa mas levava consigo no pensamento e nas intenções. Para respeitar a sua pureza original, apenas nos limitámos a leves correcções ortográficas e à supressão duma ou doutra pequena referência ao noivo (com quem já casou) por desnecessária ao fundo da narração.

VIAGEM PARA A FÁTIMA

Saímos às 4 da manhã, dia 6. Despedi-me dos meus pais com o coração cheio de saudades deles e tuas. Eu vinha muito bem disposta e tudo começou a correr bem. Fomos caminhando até que uma colega nossa deu um grande tombo, depois, rezámos o terço e às 9 horas comemos uma bucha e fomos caminhando até à hora do almoço. Almoçámos em Oliveira de Azemeis. Ai encontramos dois colegas teus e uma rapariga irmã dum deles e tornámo-nos colegas de viagem. Um deles disse-me que tu me tinhas confiado a ele mas eu não precisava porque trazia uma senhora encarregada de mim e também te trazia comigo no coração. Descansámos um pouco e continuámos viagem e fomos dormir a Albergaria-a-Nova, onde já ia ligeiramente manca. Ai dormimos num confortável palheiro, lá só existia palha e melgas e lesmas, mas ai dormimos só bem. Nesse confortável palheiro encontramos uma senhora muito simpática que nos deu água quente com sal para lavar os pés, ao lado desse palheiro tínhamos um tanque para nos lavarmos. Ai dormimos e assim se passou o dia sem mais acontecimentos.

SEGUNDO DIA

Dia 7 às 4 da manhã. Saímos do palheiro muito bem arranjadas e lá viemos a caminho de Águeda. Eu já vinha muito manca, mas até lá caminhei mais ou menos. Chegámos a Águeda e a sr.^a Olívia é que me começou a trazer a saca, eu vinha muito triste mas sempre animada. Eu estava morta para telefonar para a minha cunhada para saber novas da minha Mãe. Viemos indo, até que viemos almoçar em Aguada de Cima, ao pé dum café. Ai nos lavámos e comemos, eu comi apenas a minha dose de pão e água, depois fui telefonar para a minha Mãe e soube que estava bem e fiquei então descansada. Em Águeda as nossas colegas de viagem abandonaram-nos porque já vínhamos muito atrasadas por poder caminhar pouco e com elas foi uma colega do nosso grupo que também nos abandonou. Ficámos só 8 e lá continuámos a andar na mesma devagar até ao almoço. Eu já vinha com as pernas ligadas pois tinha umas dores horríveis e a amável sr.^a Olívia lá me trazia a minha saca, eu vinha triste por estar longe de ti e dos meus pais e irmãos e também por vir assim. Vínhamos com ideias de dormir na Mealhada mas chegámos às 6 e meia da tarde a Anadia onde uma senhora muito simpática nos convidou para irmos dormir e curar e comer a um convento. Lá dormimos muito bem com muita limpeza e lavámos os pés e lá nos curaram. E assim se passou o dia sem mais acontecimentos.

TERCEIRO DIA

Saímos às 4 e meia da manhã, eu vinha tão manquinha que os meus colegas passaram todos para a frente, só ficando comigo a sr.^a Olívia e a Alice, é uma colega nossa que vem no grupo muito simpática, então essa colega começou a puxar-me com um pau mas eu ia tão mal, cada passada que dava as minhas pernas parecia que abriam mas ia cheia de fé, pois achava que N. Senhora merecia bem o sacrifício que eu ia a fazer. Antes de chegar a Coimbra encontramos uma barraca da Cruz Vermelha onde o senhor me deu uma boa massagem, comeci a ir melhor sempre descansando ora aqui ora acolá até que chegámos a Coimbra ao meio-dia. Ai comemos, viemos descansar para o choupal onde dormi uma boa soneca, mas eu vinha agarrada à mão duma colega.

Ai tomámos conhecimento com umas pessoas de Grijó que nos trouxeram a bagagem no carro e seguimos para Condeixa, parecia que N. Senhora me tinha dado uma nova força por eu não desanimar pois tinham-me desaparecido as dores das pernas e eu já vinha melhor. Lá viemos então já muito cansadas dormir a Condeixa. Ai se passou uma comédia muito engraçada, fomos pedir dormida a uma senhora muito velha que nos pediu por uma enxerga no chão cheia de pulgas e porcaria 20\$00, estávamos resolvidas a ficar lá quando as pulgas começaram a subir e então preferimos vir cá para fora dormir ao ar livre. Foi uma risota toda a noite por causa das pulgas.

QUARTO DIA

Dia 9. Saída às 3 e meia da manhã. Saímos com a cara por lavar rumo a Pombal. Eu lá ia mancando e andando mas dois dos colegas nossos não queriam ir, não compreendiam que duas de nós fâmos a

pão e água e eu pelo menos sentia-me muito fraca, mas até Pombal eu agarrada ao braço da amável sr.^a Olívia lá ia andando sem nunca desanimar, como via algumas desanimar com menos razão do que eu. Nunca perdi a paciência com ninguém só com uma que nem vale a pena dizer o nome, com essa tive uma zanga à entrada de Pombal. Almoçámos lá e de lá novamente te escrevi e à minha mãe mas lá não consegui deitar as cartas pois o correio ainda estava fechado. Deixámos dois dos nossos colegas que não nos quiseram acompanhar porque quiseram ficar a descansar em Pombal. Viemos 6 com destino à Fátima mas ao chegar ao Monte de Santa Catarina começámos a cansar e resolvemos ficar no lugar da Caranguejeira. Ai ficámos e dormimos muito bem até às 6 da manhã.

QUINTO DIA

Dia 10, saímos da Caranguejeira às 6 e meia. Vínhamos muito mancas, muito devagarinho sentando aqui sentando acolá. No alto do monte tive uma tontura, quase desmaiei, bebi uma pinga de água e lá continuei até que chegámos à Fátima às 10 horas. Quando pisei os pés no recinto chorei de alegria, porque tinha conseguido chegar sem desanimar, agradei muito a N. Senhora e depois fomos tomar o pequeno almoço sempre agarrada ao braço da sr.^a Olívia. Tomei um galão

Medalhas Comemorativas da Fátima

A EXPOSIÇÃO DA MEDALHA COMEMORATIVA RELIGIOSA efectuada de Agosto a Outubro no Santuário da Fátima foi motivo para a reedição de algumas medalhas comemorativas da Fátima que se encontravam esgotadas, e cuja aquisição muitas pessoas desejavam. Na secção de artigos religiosos podem ainda os interessados comprar as seguintes medalhas:

Do esc. João da Silva: bronze — 90mm — Coroação/Aparição, 400\$00; 50mm — Fátima aparição (uniface), 280\$00; 50mm — Aparição — encerramento Ano Santo 1951, 300\$00; estojos para estas medalhas, 100\$00.

Do esc. Cabral Antunes: bronze — 70mm — Cinquentenário das Aparições (busto imagem capelinha — armas concelho V. N. O.), 250\$00; 40mm, 100\$00.

Do esc. Sousa Araújo: bronze — 70mm Aparição / Basílica (ante-projecto) 50.^o aniv. aparição, 250\$00; 50 mm, 150\$00.

De Domingos Inácio Santos — bronze 80 mm — Cinq. Ap. Visita Paulo VI — aparição, 250\$00; 80 mm — 1.^o ano visita Paulo VI, 250\$00.

Do esc. Soares Branco — bronze — 80 mm — ANO SANTO — Exposição MEDALHA Com. Religiosa - 1975 (numerada), 300\$00; 40 mm, 150\$00.

Cartões Filatélicos com esta medalha (40 mm), sobrescrito da exposição e carimbo comemorativo (31.8.75), 155\$00.

Livro-Album «HISTORIAL DA MEDALHA COMEMORATIVA RELIGIOSA», impresso em «offset» e rotogravura com reproduções de 240 das mais belas medalhas cunhadas e fundidas em Portu-

gal e 280 páginas (algumas reproduções a cores), 300\$00.

Do esc. Joaquim Correia — bronze — 80 mm — Com. do 1.^o Cent.^o nasc. D. José Correia Silva, Bispo de Leiria, 300\$00.

Do esc. Manuel Nogueira — bronze — 80 mm — 1.^o Cent. I Concílio do Vaticano, 280\$00.

Os pedidos podem ser feitos pelo correio ou pelo telefone 97182 para SANTUÁRIO DA FÁTIMA — FÁTIMA.

Recordar é viver!...

Como o tempo passa... Já lá vai um ano! — O dia 3 de Outubro surgiu radioso de céu azul e sol primavera a aquecer os corpos e alegrar as almas. Dirigem-se nesse dia a Fátima 350 pessoas, senhoras, meninas e cavalheiros de todas as idades e condições sociais, representando todas as províncias de Portugal. — Quem são eles? — Que vão fazer a Fátima? São os humildes ardinas de Nossa Senhora, aqueles que mês após mês, durante anos, sem desfalecimento e sem esperar elogios humanos ou recompensa terrena, vão entregando com amor a «Voz da Fátima», no cristianíssimo desejo de levar a todos os lares a Mensagem que a branca Senhora veio trazer à terra sagrada de Fátima há 58 anos. Vieram pedir à Virgem Santíssima que aumente a sua fé e o seu amor, vieram reflectir na maneira de melhor cumprir a sua missão e levarem os seus irmãos na fé a viver a Mensagem da Mãe de Deus, pois só assim Portugal será uma nação livre e independente onde reinará a paz, a justiça e o amor. — Como recordação desse dia inesquecível, ofereço com amizade fraterna a todos aqueles que me pediram e cujas direcções ainda conservo, a saudação à Virgem que fiz na basílica.

Salve, ó cheia de graça!
Ó Virgem Senhora de Fátima! Ó Maria! Como outrora o Anjo nós vos

e um pão, não me fez mal graças a Deus. Depois fomos fazer a apresentação a N. Senhora, fomos a rezar o terço, eu fui de joelhos, fui sem joelheiras como prometi, depois fomos tomar banho e vestir-nos de lavado, depois fomos à fruta e almoçámos e aí ficámos a descansar. Sabes o que comi? Pão com presunto, bebi laranja e comi maçãs à sobremesa. Fui ao curativo e aí nos apareceu dormida de graça por conta do Santuário, fomos todas 5 para uma salinha com um quarto de banho. Dormi muito bem até às 10 horas da manhã, depois fomos almoçar, fomos à missa e confessar. Agora estou ansiosa por que chegue o dia 12 para vos ver e abraçar. Amanhã talvez vá aos Valinhos e à casa dos pastorinhos. Estou hoje a descansar para ver se amanhã vou aqui. A minha viagem a pé acabou muito bem; dia 13, se Deus quiser, sigo viagem não a pé mas de carro.

DIA 13

Afinal ainda não acabei esta escrita simples mas que o coração me ditou. Saí da beira da senhora D. M. de Lurdes com o coração limpo de todos os meus pensamentos, sentia-me totalmente feliz, parecia-me que N. Senhora me tinha falado pela sua boca. Vim esperar os meus queridos pais e irmãos, mas ao ver o meu pai eu não pude resistir e tive que chorar e corri para ele com os braços abertos. Depois fomos todos fazer apresentação a N. Senhora a rezar o terço e a cantar. Estava tão feliz.

Agora só me resta agradecer a N. Senhora tudo quanto ela fez por mim pois ajudou-me a chegar até aqui sem nunca desanimar nem corporalmente com o alimento só de pão e água nem espiritualmente por trazer no meu grupo uma pessoa que me fazia a todo o instante perder a paciência. E também tenho a agradecer a N. Senhora as senhoras que pôs no meu caminho, fico a pensar como há tanta bondade no mundo. A elas eu agradeço todo o bem que fizeram a todos os peregrinos com os alimentos, com o exemplo de boa vontade, com as palavras que saíam suaves da sua boca, com o sorriso que iluminava a toda a hora o seu rosto, enfim tudo o que nos fizeram.

N. Senhora, minha Mãe do Céu, obrigada, mil vezes obrigada, pelo bem que nos fizeste. Sou a tua filha

Zezita

Objectos encontrados no Santuário no mês de Setembro

2 malas de senhora, 2 casacos de malha (criança), 1 casaco castanho de senhora, 1 cachecol de senhora, 1 boné vermelho (criança), 2 pares de óculos, 10 carteiras de homem, 6 porta-moedas (senhora), 1 anel de criança e uma aliança de casamento, outras peças de ouro, várias chaves, algum dinheiro, 1 Bilhete de Identidade, 1 caderno de apontamentos, 1 livro de orações, 3 agendas 1975.

saudamos: «Salve, ó cheia de graça; o Senhor é convosco». Somos os vossos ardinas, jubilosos ajoelhamos a vossos pés neste solar bendito da Cova da Iria e depomos no vosso regaço materno o ramo florido do nosso amor, em louvor eterno do vosso Imaculado Coração e em agradecimento por estes 57 anos de graças, para a nossa Pátria e para cada um de nós.

Oferecemo-vos os nossos sacrifícios, sangue do coração, para que a Nação portuguesa, nesta hora alta da viragem da sua história, construa o futuro de mãos dadas com Deus, na fraternidade e no amor, na justiça e na paz, com direitos iguais para todos os seus filhos. Despertaí nos nossos corações verdadeiros sentimentos patrióticos e cristãos, que tornem glorioso o sacrifício de tudo: bens, sangue e vida, se preciso for, pela grandeza e prosperidade da Pátria amada.

Sede a nossa luz e guia em todos os passos da vida, o nosso auxílio em todas as dificuldades e sofrimentos; intercedei por nós, ó Virgem Imaculada, para que mantenhamos os nossos bons propósitos e vejamos coroado o nosso esforço com a glória da vida eterna. Que de um pólo a outro do mundo ressoe numa só voz: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

Salve, nobre Padroeira! Enquanto houver portugueses tu serás o seu amor!

Maria José Alves Trindade

Jovens na Fátima

(Continuação da 1.ª página)

reconciliação espiritual foi organizado num dos salões do Santuário, a fim de que os jovens pudessem encontrarem-se mais seriamente consigo mesmos, com os outros e com Deus.

No mês de Outubro, o que até agora era um simples encontro converteu-se num SERVIÇO que funcionou desde a manhã do dia doze e em que os jovens foram ao mesmo tempo acolhidos e acolhedores, em ordem à reconciliação. Dos que têm vindo muitos vão certamente voltar. Dos que vão vir pela primeira vez muitos certamente voltarão.

A Fátima encontrou a sua dimensão juvenil. Por acção do Secretariado Nacional da Juventude, que tem sido elemento impulsionador em algumas das iniciativas atrás referidas, vai realizar-se ainda, a 7 e 8 de Dezembro, um grande encontro nacional que trará à Cova da Iria jovens de todo o Portugal. Lema do encontro: «NA ALEGRIA E NO COMPROMISSO FABRIQUEMOS A PAZ». E os jovens sairão da Fátima comprometidos com a paz!

De resto, o Santuário da Fátima é certamente um dos lugares que menos se tem ressentido com a baixa de movimentação que o 25 de Abril veio determinar. Tanto nacionais como estrangeiros têm afluído em número considerável, embora com uma certa diminuição relativamente aos anos anteriores. No Serviço de Acolhimento, que funciona diariamente no recinto, junto da Capelinha, foram mesmo mais numerosos os visitantes e peregrinos.

Assim, em Agosto, foram atendidas nesse serviço nove mil e quarenta e oito pessoas, contra cinco mil duzentas e sessenta e três do ano anterior; ao invés, o número de nacionalidades decresceu de quarenta e sete em 1974 para trinta e duas este ano. O movimento nas missas dominicais varia muito conforme haja ou não peregrinações particulares organizadas, mas pode dizer-se que em Agosto o número de participantes andou à volta dos dez mil. As contagens rigorosas feitas ao tráfego automóvel em vários domingos dos três meses do Verão revelam que a diminuição de entradas na Cova da Iria foi de cerca de 20% relativamente a 1973. Do ano passado para este ano só se nota diminuição no número de estrangeiros. Confirma-se assim, após uma relativa quebra em 1974, que a Fátima continua a ser um grande centro de peregrinação, para portugueses e estrangeiros. — S. I. S.

Igreja do Ano Santo, Sinal de Libertação

TEMA DA PEREGRINAÇÃO DE OUTUBRO

Enorme multidão calculada em mais duma centena de milhar de peregrinos participou nos actos comemorativos da última aparição na Cova da Iria, presididos pelo novo Bispo da nova diocese de Santarém, D. António Francisco Marques.

Entre os peregrinos que de Norte a Sul do país afluíram à Fátima encontravam-se alguns grupos de estrangeiros (3 da Alemanha, 2 da Bélgica, da França, Suíça, América do Norte — um dos quais de mais duma centena de membros do Exército Azul —, da Inglaterra, Argentina, Filipinas e Canadá).

As orações e actos litúrgicos foram subordinados ao tema «Igreja do Ano Santo — Sinal de Libertação» e tiveram o seu início oficial pelas 19 h do dia 12, numa cerimónia junto da capela das aparições. Presidiu o sr. bispo de Santarém, e assistiram os bispos de Aveiro, Portalegre, Leiria, D. António Marcelino, auxiliar do Patriarcado, e D. João Venâncio, resignatário de Leiria, muitos sacerdotes, dos quais alguns estrangeiros, e muitos milhares de peregrinos.

Foram proferidas saudações, lidos trechos bíblicos e outros relacionados com a Mensagem de Nossa Senhora, com acompanhamento de cânticos.

Ao meio-dia, o sr. bispo de Aveiro havia celebrado missa na capelinha das aparições e feito uma homilia. Este acto foi transmitido pela radiotelevisão portuguesa.

A procissão das velas foi a preparação para a celebração da Eucaristia às 22.30, presidida pelo sr. bispo de Santarém e na qual tomaram parte dezenas de concelebrantes. Comungaram mais de dez mil peregrinos nesta missa.

Seguiu-se a velada nocturna, com a representação célica da via-sacra, a adoração festiva diante do SS.™ Sacramento, a celebração mariana na capelinha, a procissão eucarística e a celebração do rosário às 7.30 no mesmo local. A adoração esteve confiada à equipa da catequese da diocese de Leiria e a celebração mariana foi executada por jovens a cargo do Secretariado Nacional da Juventude sob a direcção do P. Vítor Feitor Pinto.

Às 10 horas do dia 13, iniciou-se o cortejo dos sacerdotes, devidamente paramentados para o altar exterior da Basilica, cortejo que acompanhou o andor com a imagem de Nossa Senhora. Presidiu à concelebração o sr. D. António Francisco Marques que falou aos peregrinos sobre a presença de Maria, Medianeira das Graças, na Igreja. Tomaram parte na concelebração os bispos de Leiria, Portalegre, auxiliar de Lisboa e resignatário de Leiria e 146 sacerdotes.

Os doentes, em número de mais duma centena e entre os quais se contavam alemães, canadianos, etc., assistiram na colunata norte; na do sul concentraram-se os peregrinos de várias nações.

A oração universal foi proferida em português, francês, inglês, alemão, espanhol, húngaro e italiano. Comungaram mais de 8.000 peregrinos e os doentes receberam a bênção do Santíssimo Sacramento das mãos do sr. bispo de Santarém.

As cerimónias, que terminaram com a procissão do adeus com a imagem de Nossa Senhora para a capelinha, foram transmitidas pela Televisão, Emissora Nacional e Rádio Renascença do Porto. — S. I. S.

Em que ponto está o Ano Santo

Nesta altura do Ano Santo, chegam-nos notícias de Roma, que nos dão uma ideia de como ele está a decorrer.

A primeira verificação é de que o número de peregrinos ultrapassa todas as previsões. São peregrinos regularmente inscritos para o efeito, bem como muitos outros idos dum modo autónomo e por iniciativa particular. Como se inclui na peregrinação a audiência do Papa, às quartas-feiras, tal volume de peregrinos provocou uma solução não prevista de início. É que não há recinto coberto no Vaticano capaz de receber tantas pessoas. Ensaiou-se, portanto, distribuí-las pela sala de audiências, pela Basilica do Vaticano e pelo Pátio de S. Dámaso. Mas não era solução que agradasse a toda a gente. E optou-se por concentrar os peregrinos na grande praça de S. Pedro. É ali, ao ar livre, que as centenas de milhares de pessoas se encontram com Paulo VI.

No meio deste volume de peregrinos, há a referir muitos

deles pertencentes a grupos especializados, que por vezes dão uma nota de grande fé e espírito religioso. Foram eles: os mais de 10.000 «carismáticos»; os 25.000 camponeses da Campânia romana; as peregrinações de soldados, dos presos, dos ferroviários espanhóis, dos cegos napolitanos, dos lituanos residentes no estrangeiro, dos doentes alemães, dos aborígenes da Austrália, dos 25 atletas de Siena a pé levando um facho aceso, símbolo da reconciliação e da paz, etc..

Os franceses e alemães têm sido os mais numerosos. Vêm depois os espanhóis, já com 120.000. O número de peregrinos registados até ao fim de Abril ultrapassa os dois milhões. Em Junho, os primeiros cálculos apontaram para uma cifra superior a todos os peregrinos do Ano Santo de 1950.

Uma outra verificação, e esta com certeza a mais importante, refere-se ao espírito de fé e piedade das pessoas que vão a Roma. Estas vão ali, antes de mais, como peregrinos, não tanto como turistas. Basta observar a afluência aos actos de piedade e o modo como se comportam. Um jornal insuspeito referia-se aos peregrinos, afirmando que a sua religiosidade é «muito mais amadurecida e profunda». E outros testemunhos falam de «sentimentos de viva fé cristã, de entusiasmo por se encontrarem no centro da cristandade» e do desejo e alegria de ver o Papa.

Na Basilica do Vaticano, houve necessidade de organizar serviços especiais para confissões, e as comunhões são numerosíssimas. O mesmo se passa nas outras igrejas e centros de oração.

Sobretudo estes últimos são preferidos pelos jovens. Mais de 6.000 jovens de 45 nacionalidades diferentes têm participado em reuniões de três horas cada uma para troca de impressões sobre experiências cristãs. Os centros de oração das Irmãs de Jesus, espiritualidade de Carlos de Foucauld, são frequentadíssimas, e o último fundado junto das catacumbas de S. Calisto começa a ser procurado por muitos jovens.

São ainda facilitadas outras possibilidades aos peregrinos. A adoração eucarística está organizada na Basilica de S. João de Latrão e em mais oito igrejas, por toda a cidade de Roma. O movimento «Pro Sanctitate» promove três vezes por semana outros encontros de oração e reflexão. Também uma vez por semana, há encontros ecuménicos em diversos lugares de Roma: S. Spirito in Sassia, Trinità dei Monti, Catacumbas de Priscila e S. Maria in Campo Santo Teutonico.

Tendo em conta igualmente a importância que por toda a parte se está a dar à preparação das peregrinações, da cuidadosa assistência aos peregrinos e da expressão de profunda unidade católica, tudo leva a crer que o Ano Santo 1975 vai ficar na história da Igreja como um dos grandes anos santos.

ARTUR SANTA BÁRBARA

E.

Disponibilidade

O leitor sente o maior carinho pelos peregrinos que vêm para a Fátima a pé. Quando vemos algumas dezenas de peregrinos pela berma da estrada, ignoramos que são milhares que marcham assim por outros caminhos em direcção ao Santuário.

A Reitoria estuda, por todos os meios, instalar zonas de acolhimento — além das actuais — para os peregrinos que vêm a pé, e parece-lhe pequeno um espaço que acolha pelo menos mil peregrinos. Em breve, teremos na Cova da Iria um ALBERGUE PARA PEÕES, «a fim de reduzir o aspecto de pobreza que choca, nestes tempos de impulso para a melhoria de vida, e satisfazer exigências explícitas de muitos».

O espírito que nos conduz para a estrada, enfrentando aqueles quilómetros de distância, sabendo conscientemente que vamos suportar o cansaço, a fome e as dores dos pés retalhados, o espírito — dizíamos — é mais forte do que as riquezas e as comodidades confortáveis duma vida aburguesada e materialista.

Os peregrinos que já experimentaram esta maneira de peregrinar não recebem sistemas sociais «avanzados», inflações, greves de transportes, boicotagem nas centrais eléctricas e nas condutas da água. Estes não têm receio duma vida mais dura; estes que experimentaram os fenó-

menos naturais — a tempestade, o frio e o sol a prumo; estes — homens e mulheres — atingiram a plenitude da disponibilidade.

Os que caminham a pé para a Fátima não ferem as suas potencialidades profissionais nem o nível de vida das suas famílias; querem, apenas, realizar uma penitência pelas «faltas e omissões» perante a sociedade de consumo em que estão integrados. Apenas um intervalo e uma experiência para homens de rija tempera.

Aconselhamos o leitor a planear uma jornada a pé em direcção daquela VERDADE que é o CAMINHO E A VIDA.

Transforme durante uns dias o seu esquema de acção na cidade, recheado de preocupações, numa semana de disponibilidade, abandone o automóvel na garagem, calce as sandálias, liberte-se de imensas comodidades e roupagens e, exteriormente pobre, lado a lado com aqueles que vêm de mais longe, com fé ou sem fé, caminhe na estrada com rumo à Fátima. Quilómetro após quilómetro vai sentindo que é mais livre e mais homem.

Quando chegar à Cova da Iria, num dia ou numa hora qualquer, sentirá que há um ângulo diferente de enfrentar os problemas da sua vida.